

As origens imperialistas do fascismo, ontem e hoje

The imperialist origins of fascism, yesterday and today

Tiago Nilo

<https://orcid.org/0009-0000-5822-9586> – E-mail: tnilo@unisin.br

RESUMO

O presente artigo aspira descortinar a origem imperialista do fascismo no início do século XX, assim como algumas explicações sobre sua contínua presencialidade no neofascismo do século XXI. Para tanto, considero relevante operar esta análise por uma investigação conceitual. Em razão disto, irei expor, num primeiro momento, o que compreendo por imperialismo e, na sequência, o que compreendo como sendo fascismo. Assim, tendo esclarecido os termos a serem utilizados, à guisa de conclusão, procurarei expor as origens imperialistas presentes no fascismo em seu nascedouro e, posteriormente, tecer alguns comentários sobre como este continua presente nas manifestações contemporâneas designadas como neofascistas. A metodologia empregada no desenvolvimento desta pesquisa segue a tradição do socialismo científico ou a concepção filosófica conhecida como marxismo.

Palavras-chave: Imperialismo. Fascismo. Neofascismo.

ABSTRACT

This article aims to reveal the imperialist origins of fascism at the beginning of the 20th century, as well as some explanations about its continued presence in the neo-fascism of the 21st century. To this end, I consider it relevant to carry out this analysis through a conceptual investigation. For this reason, I will first explain what I understand by imperialism and then what I understand by fascism. Thus, having clarified the terms to be used, by way of conclusion, I will try to expose the imperialist origins present in fascism at its birth and then make some comments

on how it continues to be present in contemporary manifestations designated as neo-fascist. The methodology employed in the development of this research follows the tradition of scientific socialism or the philosophical conception known as Marxism.

Keywords: Imperialism. Fascism. Neo-fascism.

Introdução: o que é imperialismo?

O conceito de imperialismo refere-se à fase monopolista do capitalismo, sendo sua compreensão de fundamental importância, tanto em relação ao seu rebento histórico quanto seu desenvolvimento no seio deste sistema econômico, bem como o impacto que ele causa na situação geopolítica global no mundo contemporâneo. Compreender o que seja imperialismo é de essencial relevância para a apreensão dos rumos que a política global tem desenrolado há mais de um século.

Conforme Lênin (2021), as características principais do imperialismo são o papel decisivo do monopólio em substituição da livre concorrência, o surgimento do capital financeiro como produto da fusão do capital bancário e industrial, a divisão do mercado mundial entre os monopólios capitalistas e competidores, além da conclusão da divisão territorial do mundo. Em suma, imperialismo nada mais é do que a fase monopolista do capitalismo que coaduna as relações entre bolsa e investimentos financeiros através das companhias capitalistas, a partilha colonial e o consequente desenvolvimento do capital bancário/financeiro. Bukharin (1984), por sua vez, concebe o imperialismo como a instalação de uma oligarquia financeira no poder e na direção da produção que gravita em torno dos bancos. Além disso, segundo ele, cada uma das economias nacionais capitalistas desenvolvidas transforma-se numa espécie de *trust* nacional de Estado. Enquanto, para Luxemburgo (2021), imperialismo é a forma concreta adotada pelo capital com o intuito de se expandir, iniciado nos países de origem e conduzido por sua própria dinâmica interna ao plano internacional, criando as bases de seu próprio desmoronamento.

Seguindo a leitura de Coggiola (2015), percebemos que, por volta dos séculos XV e XVII, entre o renascimento e a revolução francesa, há um sistema específico de colonização europeia presente em sua expansão mercantilista. Posteriormente, em meados do século XIX, a Inglaterra expande o capitalismo industrial por outras metrópoles europeias em nome do livre câmbio comercial. Assim, o desenvolvimento capitalista abala as estruturas do mercantilismo, mas não o destrói. Nesta etapa do modo de produção, acentua-se além da política liberal do *laissez faire*, um maior grau de desenvolvimento tecnológico, principalmente no âmbito da produção, onde países industrializados alargavam o capital interno e conquistavam novos mercados externos, a riqueza acumulava-se em mãos de uma burguesia industrial, outra comercial e outra financeira destes países. Consequentemente, pequenas empresas cederam lugar a grandes indústrias, empresas de capital aberto, sociedades anônimas de capital, associações e fusões de empresas divididas entre milhares de acionistas. Assim, adjunto ao capital industrial, desenvolvem-se as linhas de crédito para investimentos e para transformações das empresas em sociedades anônimas, ou seja, o “[...] capital industrial, associado ao capital bancário, transformou-se em capital financeiro, controlado por poucas organizações” (Cogiolla, 2015, p. 2).

Conforme Cogiolla (2015), a era vitoriana foi marcada pela expansão do Império Britânico, a unificação econômica do mundo através da logística de um sistema de transporte que permitia fluir o trânsito econômico entre metrópole e colônia na administração comercial, acober-

tado por um discurso “ético” de civilizar povos atrasados. Toda esta rede intrincada de comunicação promove uma interdependência econômica mundial até então sem precedentes. Uma unidade econômica que irá gerar conflitos e rivalidades entre diferentes Estados europeus. Ou seja, o sistema capitalista industrial que se tornava mundial pela expansão imperial britânica irá promover um conflito interno de interesses nacionais, pois, à medida que há um desenvolvimento interno do capital, consequentemente, haverá um conflito entre potências desenvolvidas e potências em desenvolvimento, caso estas últimas queiram se tornar mais independentes. Além disso, o sistema mundial do capitalismo baseava-se na competição entre países, pois é esta ocorrência econômica que será o antecedente para o imperialismo capitalista. A existência de uma ordem global não seria o mercado em si como um ente que paira sobre as nações globais e nem os acordos de livre comércio promovidos entre diferentes Estados nacionais como se todos estivessem em pé de igualdade na negociação, mas uma casta da burguesia metropolitana do país mais desenvolvido que se beneficiava diretamente do monopólio dos novos mercados. Exemplo disto foi o resultado da força de dominação europeia através de concessões territoriais, como no caso de Hong Kong na China e na Guerra do Ópio, no pagamento de pesadas indenizações e na formação de uma classe comerciante nativa em cada colônia associada à exploração estrangeira, atuando como cúmplice do explorador conivente com a exploração dos senhores que ditavam a nova ordem imperial. Até o momento descrito, o imperialismo capitalista tem uma única potência realmente mundial, a Inglaterra, que emergiu de uma revolução burguesa vitoriosa criadora das instituições favoráveis a tais condições, isto é, um liberalismo econômico/político bem desenvolvido e uma marinha eficiente que soube aproveitar as principais rotas de comércio internacional a serem conquistadas. Entretanto, o nascimento da *belle époque*¹ por volta de 1871 marcará uma colisão e uma disputa inter-imperialista que só terá cabo no fim da Primeira Guerra Mundial. Com a fundação do Império Alemão, realizada em três guerras de unificação e uma dramática industrialização, operam-se significativas mudanças nas relações internacionais (Cogiolla, 2015, p. 35). Tais relações não estavam mais pautadas em equilíbrio de poder e consenso entre amigos, o “sistema de Viena” que ditava a ausência de alianças permanentes, após 1879, fora quebrado em nome de alianças deste tipo que se constituíam em torno de dois blocos, a Tríplice Aliança e, posteriormente, a Tríplice Entente. A disputa inter-imperialista que se seguiu para deter a hegemonia europeia global foi violenta, “[...] principalmente no contexto da partilha da África, da ocupação territorial de grande parte da Ásia e da abertura da China” (Cogiolla, 2015, p. 35). A ideia preponderante de todos os países imperialistas que ambicionavam a hegemonia da economia política global era ditar os rumos do projeto moderno civilizador que a humanidade como um todo iria percorrer. Para a Alemanha, conforme Coggiola (2015), só havia duas possibilidades: constituição de um bloco colonial fora da Europa ou expansão em direção à Turquia ao longo da linha Berlim-Belgrado. Nos dois casos, os interesses entre Alemanha e Inglaterra entravam diretamente em rota de colisão. Além disso, a luta de classe que ocorria no seio destas economias nacionais promovia uma disputa intensa que preocupava a burguesia dominante². Os partidos operários

¹ Cogiolla (2015, p. 18-19) afirma que, marcada por relativa prosperidade, neste período se desenvolveu a segunda revolução industrial (motor a explosão, desenvolvimento da indústria química, da telefonia e do rádio), assim como, a ascensão da Alemanha e dos Estados Unidos como potências industriais em crescimento, as transformações na organização do trabalho (taylorismo e fordismo), a expansão acentuada do capital financeiro, a substituição da concorrência clássica pela concorrência oligopolista, centralização e concentração de capitais, a tentativa de expansão dos países em ascensão e a substituição da exportação de mercadorias pela exportação de capitais – coisa que, para Lênin, irá marcar a diferenciação do velho capitalismo para o moderno, no qual impera o monopólio sob a forma imperialista.

² Representantes da burguesia como Cecil Rhodes sabiam que a prática da expansão imperial poderia capitalizar os seus negócios e, da mesma forma, uma guerra inter-imperial para saber quem seria a grande potência que iria controlar o mundo e dominar as

socialistas na Alemanha e na Inglaterra erigiam-se como uma força colossal de combate à exploração frente ao estrato dominante. Na Alemanha, o SPD³ “[...] tinha 4 milhões de eleitores, 111 deputados, uma rede de *sindicatos, cooperativas, escolas*” (Cogiolla, 2015, p. 41), assim como o trabalhismo inglês e o SFIO⁴ na França. O socialismo começara a se desenvolver fora da Europa e ganhava a internacionalização que almejava, pois, desde esta época, compreendia que o capital não tem pátria. Assim, a guerra mundial só pode ser compreendida como revolta das forças produtivas contra o quadro das relações capitalistas de produção, isto com o intuito de uma superação da crise (depressão) econômica, expansão colonial, exportação de capital, disputa geopolítica e solidificação de um nacionalismo racista. Os objetivos desta guerra, os interesses em disputa e os responsáveis gravitam em torno de duas considerações. De um lado, a disputa intraclasse entre burguesias nacionais pela exploração das riquezas coloniais e o controle imperial capitalista global; de outro lado, uma guerra entre classes na qual a burguesia – industrial e financeira – se sentia ameaçada pela ascensão do movimento operário e o aprofundamento da democracia que ameaçava a manutenção de seus privilégios de classe. Esta razão (o fato de esta guerra ser uma guerra imperialista) era conhecida pelos maiores dirigentes socialistas da época. Eles denunciaram a traição dos reformistas que aderiram ao nacionalismo chauvinista promovido pela burguesia capitalista e rasgavam o manifesto firmado outrora no Congresso da Basileia em novembro de 1912⁵. Compreendiam que ambos os lados faziam uso da demagogia para impor sua dominação imperialista global e desviar a atenção para uma luta nacional ao invés da luta de classe.

A guerra inter-imperialista é, portanto, o resultado do desenvolvimento interno do capitalismo. Com a expansão capitalista, as nações se desenvolveram de modo desigual, determinando, assim, a unificação econômica global. Tratava-se, portanto, não de uma etapa da “economia-mundo”, mas da forma histórica necessária que a universalização da economia capitalista detém sobre um desenvolvimento desigual. O imperialismo capitalista nasce da totalidade do mercado mundial que caracteriza as leis de movimento do capital, na sua máxima escala e em sua forma última, desde o final do século XIX, depois da depressão econômica de 1873 (Cogiolla, 2015, p. 5). As diferenças nacionais presentes no interior do sistema capitalista manifestam o desenvolvimento desigual e combinado, alguns países foram forçados a se integrar de modo dependente e/ou associado, enquanto outros se impuseram como dominantes e expropriadores. O imperialismo é, portanto, o resultado do processo de concentração e centralização dos capitais nos países de capitalismo mais avançado que, porventura, se deslocaram de uma política de livre concorrência e exportação de mercadorias para países atrasados para uma política de formação de cartéis (monopólio) e exportação de capitais. Isto deu lugar a uma política de nacionalismo burguês nos países mais avançados contra a perspectiva socialista internacionalista que avançava em organização e consciência do movimento operário (Coggiola, 2015, p. 6). Com a intensificação da luta de classes, o imperialismo assume uma política nacionalista de caráter agressivo⁶. Conforme Coggiola (2015), após a crise (depressão) econômica de 1873, a

riquezas providas das colônias era iminente. Deste modo, a opção por uma guerra inter-imperial, segundo eles, poderia ser um negócio benéfico também por realizar um certo expurgo malthusiano das castas mais baixas que se atreviam no campo da disputa política por reivindicar direitos. Assim, além de “limpar” os subalternos indesejados e assegurar o domínio imperial no continente e nas colônias, uma guerra poderia, ideologicamente, desviar a atenção do internacionalismo proletário para as causas do nacionalismo afirmadas pela liberdade, democracia e política interna – mesmo que não houvesse nenhuma destas categorias presentes no cotidiano da nação inflamada, como no caso da França de Clemenceau (Imperialismo, 2021).

³ Tradicional Partido Social-Democrata Alemão.

⁴ Seção Francesa da Internacional Operária.

⁵ Este manifesto foi aprovado por unanimidade, entretanto, quando a guerra eclodiu, os dirigentes da II Internacional, Kautsky, Vandervelde, dentre outros, passaram para o lado dos governos imperialistas favoráveis à guerra (Lênin, 1914).

⁶ “Devido às desigualdades do desenvolvimento capitalista mundial, coube ao nacionalismo exprimir ao máximo essas caracte-

era do capitalismo liberal, dominada pelo monopólio industrial inglês, havia acabado cedendo lugar a uma era pós-liberal, caracterizada por uma competição internacional de economias industriais nacionais, principalmente centrada em países como Inglaterra, Estados Unidos e Alemanha (que, na época, se tratava do Império Alemão). Tal competição conduzia à concentração econômica e ao controle do mercado, ou seja, o capitalismo monopolista e sua fase imperialista haviam sido a solução encontrada para a saída da crise. Desta forma, o capitalismo vinculou conquista colonial com especulação financeira, possibilitando a expansão do mercado mundial. As bases deste processo são a maturidade atingida pelo capitalismo das grandes metrópoles, a violenta recolonização e expansão colonial que permitiu ao capitalismo europeu sair da grande (depressão) crise e a corrida das potências europeias por colônias que visava sobrevivência e supremacia (Coggiola, 2015, p. 15). Para isto, necessitava-se de um Estado forte na gerência do mercado interno, “[...] mediante a política aduaneira e de tarifas externas, que devia facilitar a conquista de mercados estrangeiros” (Coggiola, 2015, p. 39-40). Um Estado resolutivo, referente aos interesses financeiros no exterior, extorquindo dos menores vantajosos contratos comerciais. O ideal liberal de Estado conciliador converte-se em Estado agregador, com o intuito de “ajudar outras nações” em seu desenvolvimento. O capitalismo monopolista assegurava à própria nação um domínio internacional, além disso, a expansão do capital era justificada pela competição externa no fato de que uma nação poderia sobrepujar a outra por ser a eleita dentre as demais. Era exatamente assim que concebia o imperialismo britânico na Índia e em Bengala⁷. Esta era tomada como uma afirmação “científica” da superioridade racial do projeto civilizador perante as nações atrasadas. Algo muito semelhante iremos encontrar posteriormente no nazismo que, como dissera Trotsky, “para elevar a nação por cima da história, deu-lhe o nome de raça” (Trotsky, 2019, p. 66). Esta espécie de “sociobiologia das relações internacionais” se baseava no fato de que, para os países imperialistas, a dominação colonial não era apenas um ganho para o seu mercado interno, mas justa e benéfica para a humanidade (Trotsky, 2019, p. 22). A ascensão do imperialismo capitalista e a supremacia internacional eram, portanto, a validação da lei dos mais fortes, assim como uma consequência necessária do próprio desenvolvimento societário. É por isso que, tanto para liberais como Hobson (1968) e marxistas como Lênin (2021), a relação entre a bolsa (companhias capitalistas), a partilha colonial e o desenvolvimento do capital financeiro são o eixo da interpretação objetiva do imperialismo, enquanto os aspectos políticos nacionalistas e ideológicos racistas (etnocêntricos) são considerados consequência e não causa do fenômeno (Lênin, 2021, p. 24).

O imperialismo, portanto, é um processo inerente à expansão do capitalismo, presente em sua própria natureza desde a conquista da América. O imperialismo traz à tona a figura do rentista, apodera-se de reservas estrangeiras de modo colonial e, além disso, expele organicamente guerras inter-imperialistas. Assim, percebe-se que as duas características históricas do imperialismo capitalista são a concorrência de vários imperialismos e o predomínio do capital financeiro sobre o comercial (Lênin, 2021, p. 120-121). É desta disputa imperial que desembocará duas guerras mundiais no século XX, envolvendo peleja de nações com um capitalismo altamente avançado, descrito por Lenin em obra referida⁸. O imperialismo, assim

ísticas [...] o irracionalismo hitleriano [...] reconheceu as suas fontes na França democrática, onde o Conde de Goubineau encontrou as teses da superioridade racial, e onde se desenvolveu o antisemitismo de Estado (caso Dreyfuss). Diante do desenvolvimento internacional das forças produtivas, o nacionalismo tornou-se um anacronismo revolucionário, refugiado nos mais velhos preconceitos” (Coggiola, 2015, p. 6).

⁷ Atual Bangladesh.

⁸ Isto não quer dizer que Lênin previu a Segunda Guerra Mundial, mas que a tendência daquele século seria belicista, tanto em relação a guerras inter-imperialistas quanto de libertação nacional (Lênin, 2021).

sendo, redefiniu o sistema monetário com o surgimento do capital financeiro como figura dominante, redimensionou o mapa industrial e econômico, expandindo o capitalismo na relação metrópole/colônia, e forjou humanos numa intensa batalha entre dominantes e entre dominantes e dominados.

O que é o fascismo?

O conceito de fascismo não é de fácil aceção, sobre ele gera-se muito debate, confusão e contestação. Geralmente, isto ocorre em razão de não ser uma forma coesa e uniforme nos diferentes países em que o fascismo se manifestou, como se fosse uma adaptabilidade semântica? Sim e não. De fato, o fascismo ocorre de modo peculiar em diferentes países. Entretanto, esta peculiaridade ocorre pelo desenvolvimento desigual do capitalismo em diferentes nações. Ou seja, o fascismo não é apenas uma nomenclatura, mas uma ação política burguesa decadente. E, por esta razão, “[...] as consequências e decadência do capitalismo se expressam de formas diversas e com ritmos desiguais” (Trotsky, 1964, p. 18), dependendo do nível de desenvolvimento capitalista de cada país⁹. Contudo, os modelos fascistas mais próximos são o alemão e o italiano. Na Itália, ele fora plebeu na origem, emergindo da pequena burguesia, do lumpemproletariado e, de uma forma ou de outra, vinculado às massas operárias, entretanto, dirigido e financiado por grandes corporações capitalistas. De modo semelhante, seu modelo alemão, também financiado pela burguesia alemã, fora um movimento de massas com uma forte demagogia socialista (Trotsky, 1964, p. 7). Ambos tinham pretensões expansionistas coloniais que, segundo Tooze (2013, p. 40), no caso de Hitler, havia uma forte inspiração nos impérios romanos e britânicos. Assim, irei seguir na direção dos pontos em comum que caracterizam o conceito a fim de encontrar a designação conceitual mais consistente. Seguindo os passos de Talheimer (2009), o melhor ponto de partida para o exame do fascismo é a análise de Marx e Engels sobre o bonapartismo. De início, resalto que fascismo e bonapartismo não estão no mesmo nível. Como veremos, em muitos casos um pode vir a ser a preparação para o outro, mas, de qualquer modo, o que nos serve é compreender que se trata de uma análise de classe historicamente determinada, ou seja, de uma relação determinada dessas classes que é historicamente produzida. O bonapartismo, por exemplo, que é examinado por Marx em *18 de Brumário*, demonstra como a burguesia francesa, para salvar sua existência social diante do levante da classe operária, “[...] abre mão da sua existência política e se entrega à ditadura de um aventureiro e seu bando” (Talheimer, 2009, p. 23). Em *A guerra civil na França*, Marx demonstra o que viria a ser os traços essenciais da forma imperialista do fascismo, a última forma do poder de Estado burguês, “[...] seu último refúgio da revolução proletária e ao mesmo tempo a sua perdição” (Talheimer, 2009, p. 23). A partir destas considerações, compreende-se que a genuína base do fascismo é a pequena burguesia instrumentalizada pela burguesia para eliminar o proletariado. Enquanto a base social do comunismo é o proletariado, a base social

⁹ Outro ponto relevante a ser comentado, mas que por si só geraria outro artigo e que, portanto, não irei me estender, apenas explanar breve comentário sobre, se trata da caracterização de governos de tipo fascista, como o caso de Getúlio Vargas no Brasil. É fato inconteste que o Estado Novo tenha sido uma ditadura, perseguindo opositores, torturando e se aproximando comercialmente de governos fascistas, entretanto, compreendo que isto, por si só, não é base suficiente para caracterizá-lo como tal. O integralismo de Plínio Salgado é um movimento fascista, já o governo varguista, não. Compreendo que, se assim o fizermos, estaremos relativizando qualquer forma de autoritarismo como fascismo. Além disso, estaremos negligenciando a própria história, ou seja, o fato de que Vargas sofrera uma tentativa de golpe por parte do Integralismo, com comando advindo de governos europeus. Por quais razões um governo fascista sofreria um golpe de seus aliados fascistas? Por não ser tão fascista? Por estas razões, compreendo que tal classificação é imprecisa com a determinação conceitual que almeja a filosofia política (Pitillo, 2022).

do fascismo é a pequena burguesia voltada para o grande capital, este utiliza o movimento fascista para suas finalidades contra a classe operária. A repressão apoiada na pequena burguesia não é uma ditadura da pequena burguesia, mas do grande capital (Talheimer, 2009, p. 19). Ou seja, a essência do fascismo é a aniquilação da organização dos trabalhadores, é a criação “[...] de um sistema de administração que penetra profundamente nas massas, o qual serve para frustrar a cristalização independente do proletariado” (Trotsky, 1964, p. 8). É por esta razão que não se pode confundir o fascismo como uma oposição ao imperialismo. Ele está mais próximo da figura de um filho bastardo e instrumentalizado que serve aos interesses do pai. Pois, caso cairmos em tal confusão, poderemos concebê-lo como revolucionário¹⁰ – coisa que não o é. Ao contrário, o fascismo é contrarrevolucionário. Ou seja, ele serve como um antídoto a toda forma de revolução. Concebê-lo como revolucionário é o mesmo que ver seus líderes ou candidatos como *outsiders*, antissistema. Entretanto, como veremos, ontem e hoje, eles assim aparecem para confundir, angariar, capitalizar a revolta e a insatisfação do proletariado, especialmente o mais despolitizado, atomizado e disperso ou desiludido com os erros políticos das organizações que presumivelmente deveriam representá-lo. Como nos diz Trotsky, o ponto de combate ao fascismo não é a abstração do Estado democrático, mas “[...] as organizações vivas do proletariado, nas quais está concentrada toda a sua experiência e que preparam o seu futuro” (Trotsky, 2019, p. 213).

Na Alemanha, por exemplo, o desenvolvimento da pequena burguesia em direção ao fascismo, adjunto do grande capital, é consequência direta da traição da social-democracia (Talheimer, 2009, p. 20). Da mesma forma, na Itália, após o *biennio rosso*, a social-democracia amedrontou-se e abandonou o proletariado ao vazio (Trotsky, 1964, p. 8) – este fora o fator relevante para a ascensão do fascismo. Consequência: a burguesia, a monarquia e a Igreja Católica colocaram-se ao lado do fascismo. Em ambos os países, a social-democracia abdicou da luta e pôs-se por detrás da burguesia e da democracia parlamentar; em ambos os países, ela fora abandonada à própria sorte (Trotsky, 1964, p. 10). Seguindo a análise de Trotsky (1964), pode-se perceber que onde o fascismo triunfou houvera, anteriormente, uma radicalização de massa dos operários e camponeses, inclusive, da pequena burguesia¹¹. E seu triunfo ocorreu pela excessiva temeridade dos partidos operários tomarem o poder diante de uma situação revolucionária¹². Além disso, ao tomarem o poder, os fascistas deixaram o sistema social inalterado – a social-democracia salvou a burguesia da revolução proletária, enquanto o fascismo libertou a burguesia da social-democracia (Trotsky, 1964, p. 66). Ou seja, o capital continuou a explorar as castas mais baixas. Ao se tornar governo, o fascismo tornou-se burocrático e abandonou sua base social pequeno-burguesa, tornando-se, assim, semelhante a uma ditadura (Trotsky, 1964, p. 10). Conforme Trotsky (1964), há uma dialética de relações entre as classes sociais em três estágios históricos diferentes do desenvolvimento capitalista. Em seu nascimento, a burguesia necessita de métodos revolucionários para cumprir as suas tarefas – daí seu programa político ser o jaco-

¹⁰ Faço uso do conceito de revolução, partindo da referência metodológica utilizada para realizar esta pesquisa, concebendo-a não apenas como uma transformação ou mudança societária, mas, essencialmente, como a sublevação de uma classe sobre a outra diante do conflito existente em toda sociedade classista. Neste caso, refiro-me especificamente a um governo dirigido pela classe operária. Trata-se, portanto, além de uma mudança social, de um levante operário para compor uma política que pretenda extinguir qualquer forma de divisão classista social.

¹¹ Na Itália houve o já referido *biennio rosso*, o Estado foi paralisado, a polícia já não existia, os sindicatos tomaram a situação, porém, não havia um partido de massa capaz de tomar o poder. Na Alemanha também houve uma situação revolucionária em 1918 e a burguesia nem demandava participação no poder. Mais uma vez, os sociais-democratas paralisaram a revolução (Trotsky, 1964, p. 26).

¹² Conforme Trotsky (1964), na Inglaterra, por exemplo, quando Oswald Mosley tentou marchar sobre Londres, a polícia estava lá para proteger a União Britânica de Fascistas, mas encontrou em seu caminho milhares de manifestantes antifascistas, de sindicatos a partidos. Desde então, o fascismo nunca mais se ergueu na Inglaterra.

binismo. Posteriormente, com o florescimento e a expansão do regime capitalista, a burguesia instala sua dominação na forma do Estado-nação, pacífica, conservadora e democrática, enquanto seu programa político atende aos ideais da democracia reformista. Na sequência, com o declínio do capitalismo, a burguesia é forçada a recorrer a métodos de guerra civil contra a casta mais baixa para proteger seu direito de explorá-la. É neste momento que o fascismo se faz necessário para ela (Trotsky, 1964, p. 14). Como a massa da população se encontra revoltada com a situação econômica, social e política, a burguesia não pode voltar-se para a raiz do problema, a saber, o desenvolvimento interno do capitalismo, pois isto a iria derrubar. Ela precisa mobilizar a massa e canalizar a sua revolta para outro lugar. Qual? Para a classe que ameaça o seu poder, o proletariado. Assim, ao conhecer a ciência do marxismo e suas relações de classe, “[...] Mussolini compreendeu como mobilizar as classes intermediárias (classe média) contra o proletariado” (Trotsky, 1964, p. 65). A pequena burguesia, economicamente dependente e politicamente atomizada, necessita de um líder que unifique as massas dispersas e a conduza à ilusão da independência (Trotsky, 1964, p. 19) – por esta razão, a lua de mel entre burguesia e pequena burguesia nem sempre se compõe de mútua confiança e parceria eterna (Trotsky, 1964, p. 15). Pois, a pequena burguesia crê que está na condução de sua “revolução”, enquanto, em verdade, seu maior beneficiário, a grande burguesia, não considera os partidos fascistas como seus partidos. Eles são instrumentos de coação do proletariado, necessários e até mesmo perigosos para si. Com a ascensão belicosa do fascismo, inicia-se o esmagamento do proletariado, mas, ao mesmo tempo, a forma política de apaziguamento social da grande burguesia, o regime democrático parlamentar. Assim, a decadência capitalista promove no domínio político da burguesia uma contradição: por um lado, destrói com as instituições democráticas proletárias (sindicatos, partidos políticos, associações etc.), eis a campanha contra o marxismo e, de outro lado, isto acaba por implodir, também, com a democracia parlamentar, de onde se extraiu as organizações operárias, eis a campanha contra o parlamentarismo democrático. Significa dizer que, nesta fase de desenvolvimento do capitalismo, a burguesia é incapaz de se manter no poder por métodos do Estado parlamentar que criou, por isso, faz uso de violência e métodos de guerra civil – não para destruir, mas para manter-se no poder. Ela faz uso do fascismo como arma de defesa. Em suma, a burguesia liberal precisa do fascismo para liquidar o proletariado, ela precisa do auxílio da pequena burguesia para assegurar o seu expurgo. “No entanto, esse método tem os seus inconvenientes. Ao passo que se serve do fascismo, a burguesia o teme” (Trotsky, 1964, p. 15). Ela o teme, pois sabe que a aliança não é eterna, pois o “[...] fascismo não é o governo da pequena burguesia, mas a ditadura mais impiedosa do capital monopolista” (Trotsky, 2019, p. 69). Ela sabe que, nos tempos de crise, só resta à pequena burguesia escolher entre o proletariado e a grande burguesia (Trotsky, 1964, p. 16). Assim, com a inoperância dos partidos operários e o desespero contrarrevolucionário canalizando o ódio ao proletariado, a grande burguesia poderá utilizá-la como títere de seus interesses, assim nasce o fascismo. Trata-se, portanto, de uma disputa que o stalinismo não compreendeu. Conforme Trotsky (2019), a filosofia stalinista não distingue fascismo de democracia parlamentar burguesa e acaba, assim, igualando ambos como um movimento orgânico natural¹³. Obviamente que a contradição não é absoluta, como se fosse a dominação de duas classes antagônicas, mas trata-se de sistemas diferentes de dominação de uma

¹³ Segundo os stalinistas, a social-democracia é a ala mais moderada do fascismo, assim, o que chamam de social-fascismo é a passagem orgânica e gradual que conduz da democracia burguesa ao fascismo. Entretanto, o que o stalinismo não compreende é que o regime democrático parlamentar, ao se apoiar na classe operária domesticada pelo reformismo, admite certo grau de democracia operária que pode vir a se constituir como uma via revolucionária no seio do Estado burguês – caminho para uma legítima, *demos* (povo) *kratos* (poder político). Já o fascismo é a abolição completa das organizações operárias (Trotsky, 2019, p. 214).

única e mesma classe. A democracia parlamentar burguesa da social-democracia, por exemplo, se apoia nos operários, não pode ter influência sem a organização de massa e seu combate político ocorre no parlamento. Enquanto o fascismo se apoia na pequena burguesia, somente pode consolidar o seu poder ao destruir as organizações proletárias e sua ação política está baseada na destruição do parlamento (Trotsky, 2019, p. 208). Assim, para a grande burguesia, democracia parlamentarista e fascismo são “[...] instrumentos de sua dominação, recorrendo a um ou a outro conforme as condições históricas” (Trotsky, 2019, p. 208). Mas, para a social-democracia e o fascismo, a escolha da burguesia monopolista implica na anulação de um ou de outro. Ao fim e ao cabo, ambos estão nas mãos da grande burguesia. Vale ressaltar que, entre as tensões nas quais a luta de classe manifesta as condições históricas determinadas, há um campo de disputa no qual o sistema se encontra em profunda contradição. No regime democrático, o capital incute nos trabalhadores a confiança na pequena burguesia reformista e pacifista. Já no fascismo, a pequena burguesia se enche de ódio contra o proletariado, mas, no regime intermediário entre os dois, que é um regime de conflito e disputa, a passagem de um para o outro está carregada de contradições. É neste momento que, conforme Trotsky, o governo de transição assume uma administração de tipo bonapartista¹⁴, transitória e de curta duração, ele é um prelúdio, “[...] ou para a vitória do fascismo ou para a vitória do proletariado” (Trotsky, 2019, p. 216). Tolerar os fascistas, pois precisa de seus agentes de repressão frente ao proletariado, ao mesmo tempo que mantém o regime parlamentar, pois ainda está no cumprimento de sua missão. Este é o momento de luta e não de capitulação.

Assim, o que se pode perceber é que o crescimento do fascismo ocorre a partir de uma crise social profunda, cuja ausência de um partido revolucionário de massa faz com que a grande burguesia canalize a revolta e a insatisfação da pequena burguesia como marionete de seus mais profundos interesses. Assim, a indignação, insatisfação e o desespero são desviados do grande capital para serem usados contra a classe operária, especialmente no programa de ilusões pequeno burguesas. É na união de todas as classes que se ergue a mais pura forma do imperialismo. Quando o fascismo se livra da escada que é a pequena burguesia, ele revela a sua verdadeira face, o imperialismo. Um programa foi necessário para se chegar ao poder, entretanto, “[...] o poder não será usado por Hitler para completar este programa. É o capital monopolista que lhe dita as regras e tarefas” (Trotsky, 2019, p. 70). O fascismo é, portanto, uma forma de ditadura capitalista que vincula uma determinada correlação geral das classes, ou seja, uma conciliação de classe forçada para se manter a estrutura social burguesa. O fascismo é uma necessidade do capital para dismantlar toda forma de organização democrática proletária e suplantá-la em seu lugar, por meio de milícias e um estado policaresco, a gerência e a beneficência de conciliação entre as classes. Ele é a necessidade do capital monopolista imperialista de amortizar as massas proletárias e para isso se utiliza da pequena burguesia, bem como da figura de um líder supremo que, se não for bem domesticado, pode ter a pretensão de usurpar o poder político, como o que aconteceu com Hitler. Churchill certamente não era um fascista. Era um homem forjado pelo imperialismo britânico, expansionista que acreditava na dominação das raças inferiores, como as da Índia e de outros povos colonizados. Em setembro de 1937, em um artigo intitulado *Amizade com a Alemanha*, demonstra respeito e admiração por Hitler, vendo ambas as nações como unidas a laços de história e raça¹⁵.

¹⁴ O eixo do governo transitório de tipo bonapartista é a polícia e a burocracia, uma espécie de ditadura militar policial dissimulada por um cenário parlamentarista. São governos do capital financeiro em épocas de forte crise, como Giliotti na Itália, Brüning/Schleicher na Alemanha e Doumergue na França (Trotsky, 2019, p. 359).

¹⁵ O artigo encontra-se para solicitação no site da Universidade de Cambridge: https://archivesearch.lib.cam.ac.uk/repositories/9/archival_objects/1359012 O texto também pode ser lido no seguinte site: <https://scottmanning.com/content/friendship>

Considerações finais: as origens imperialistas do fascismo, ontem e hoje

Conforme nos revela Orwell (2017, p. 67), Churchill, antes da guerra, também detinha certa simpatia por Mussolini. Isto até começar a guerra inter-imperialista de 1939. Obviamente que estas considerações advinham em razão do anticomunismo e da manutenção e propagação do regime capitalista monopolista imperial, mas também não deixavam de expressar a postura e o *modus operandi* do imperialismo. Ou seja, enquanto o fascismo era tão somente uma forma de contenção do marxismo, ele correspondia às pretensões assim desejadas, mas, quando ele ambicionou uma disputa mais ampla, imperial, passou a ser um perigo. De qualquer forma, equivale a dizer que o fascismo somente se opôs ao capitalismo demagogicamente. Por mais que Strasser¹⁶ fosse o caráter social do partido nazista, sua colaboração teve um prazo limitado de tempo. No famoso expurgo da “noite das facas longas”, sua ala fora dizimada, tornando mais epidérmico o caráter capitalista imperialista do nazismo.

Apesar de suas inúmeras peculiaridades, um ponto em comum dentre toda a diversidade de sua manifestação geográfica é o fato de que o fascismo sempre obteve ótimas relações com o capitalismo imperialista, ontem e hoje. Ferguson e Voth examinaram o valor das conexões entre a indústria alemã e o movimento nazista a partir de uma minuciosa análise dos preços mensais de ações coletados de publicações oficiais da bolsa de valores em Berlim e seus laços entre grandes empresas industriais alemãs com nazistas. Mais da metade das empresas listadas na bolsa de valores de Berlim (1932-1933) tinha laços estreitos com o movimento nazista. Tais dados servem como suporte para examinar a relação dos investidores à tomada de poder por parte dos nazistas. Em suma, grandes empresas alemãs haviam financiado a rápida ascensão do partido nazista após 1930. Conforme o artigo referido demonstra, a definição de “empresas conectadas” é assim classificada a partir de duas considerações: se os líderes empresariais ou empresas contribuíram financeiramente para o partido ou para figuras individuais como Hitler e Göring, e se certo empresário forneceu apoio político aos nazistas em momentos cruciais, servindo vários grupos que aconselharam os nazistas, o partido ou Hitler na política econômica (Ferguson; Voth, 2008, p. 107). A partir deste espectro, podemos identificar dois grupos de contribuintes. O primeiro era composto por Friedrich Thyssen¹⁷, Hjalmar Schacht¹⁸ e Emil Kirdof¹⁹. Todos muito próximos de Hitler. Inclusive, Schacht estava presente na famosa reunião com Hitler e Göring de 20 de fevereiro de 1933, na qual foi discutido entre eles a importância de se combater o comunismo, sobre a incompatibilidade da iniciativa privada com a democracia e o estabelecimento de um fundo de campanha²⁰. Já o segundo grupo foi composto por empresários signatários da petição ao presidente Hindenburg, incitando-o a nomear Hitler como chan-

-with-germany-by-winston-churchill-sep-17-1937/

¹⁶ Conforme Voth e Ferguson (2008, p. 101-137; 128), até 1934 os nazistas se compunham de duas alas, uma conservadora e outra de cunho social, num sentido anti-capitalista (e não pós-capitalista) de distribuição da riqueza nacional. Gregor Strasser foi um dos maiores representantes desta ala, dentre outros.

¹⁷ Empresário dos ramos da mineração e siderúrgica.

¹⁸ Economista e banqueiro.

¹⁹ Industrial da mineração.

²⁰ Schacht doou três milhões de reichsmarks (moeda alemã da época) para a campanha eleitoral de março daquele ano (Ferguson; Voth, 2008, p. 110). A doação de Schacht só não foi maior do que a doação feita pela IG Farben, que acabou contribuindo com quatrocentos mil reichsmarks (Ferguson; Voth, 2008, p. 133).

celer. São eles, Wilhelm Karl Keppler²¹, Albert Vögler²², Gustav Krupp Von Bohlen und Halbach²³, Friedrich Springorum²⁴, Emil Georg Von Strauss²⁵, August Rosterg²⁶ e Kurt Freiherr Von Schröder²⁷. O artigo atesta que, no total, foram contabilizadas 115 empresas privadas conectadas ao nazismo (Ferguson; Vothe, 2008, p. 111). Todos os grandes jornais da época estavam vinculados, através de seus editoriais, às grandes empresas e todos sabiam do vínculo do nazismo com grupos de empresários influentes do Ruhr. Conforme gráficos analisados no artigo, há evidências sobre o impacto de ser filiado ao NSDAP²⁸: 68% das empresas afiliadas superaram os valores e estimativas do mercado durante janeiro-março de 1933. Em síntese, estar associado ao partido nazista impulsionou os preços das ações somente depois que o partido assumiu o poder (Ferguson; Voth, 2008, p. 119-120). Ou seja, o que tais dados demonstram é que havia uma íntima conexão entre mercado financeiro, imperialismo capitalista e nazifascismo. Mesmo que alguns autores como Tooze (2013) tentem demonstrar as divergências da política econômica de Stresemann e Hitler²⁹, não há como se refugiar do caráter expansionista do capitalismo presente neste momento da história. Conforme o próprio Tooze (2013) atesta, na última semana de junho de 1929, “[...] Stresemann havia discursado na Reichstag e mudado de postura [...]” (Tooze, 2013, p. 44). Isto porque Hoover cortara o financiamento estadunidense da economia alemã em razão da quebra da bolsa de Nova York em 29 e dos cortes perpetrados pelo Congresso. Neste momento, Stresemann se une a Schacht, favorável à necessidade de se criar uma independência econômica da Europa. No seio de todo este drama histórico, visivelmente conseguimos perceber o conflito de interesses econômicos entre capitais nacionais (burguesia nacional). Seja na forma de reparações do pós-guerra ou na relação entre credores e devedores, o fato é que há uma evidente disputa entre burguesias nacionais de diferentes países pela hegemonia do capital transnacional imperialista. A questão é que a burguesia alemã subsidiou a ascensão do NSDAP para a extirpação do comunismo e para a disputa do domínio imperial do grande capital. E há uma cumplicidade imperialista capitalista nisto. Anos depois, no julgamento de Nuremberg, para se responsabilizar o nazismo por seus crimes de guerra, implicaria responsabilizar o capitalismo. Conforme vemos no documentário *Fascism Inc.* (2014), a saída da OSS³⁰ e do governo estadunidense foi culpabilizar pessoas e não acusar o sistema político econômico vigente à época, ou seja, o nazifascismo e o seu funcionamento interno. Após a guerra, Washington indica para o cargo de alto comissário na Alemanha um velho conhecido de Hitler e ex-advogado da IG Farben (companhia que produziu químicos para serem usados nas câmaras de gás antes de ser divididas em subsidiárias: Bayer, AGFA e BASF), John Mac Cloy (chegou a ser presidente do Banco Mundial, BID) para trabalhar na comutação de sentenças de nazistas donos das indústrias que haviam apoiado Hitler. Todos foram soltos após 1951. Semelhante fora a trajetória de Mussolini, entretanto, ele fora mais astuto que Hitler a respeito do financiamento da causa. Conforme o documentário referido, após prometer guerra ao socialismo e à

²¹ Executivo de uma empresa química, cujo objetivo principal era criar laços mais fortes entre as grandes empresas e o partido nacional-socialista, assim como influenciar as políticas econômicas deste partido.

²² Executivo na indústria de munições.

²³ Diplomata e diretor da indústria siderúrgica Krupp AG.

²⁴ Engenheiro e Diretor Geral do conglomerado de aço e mineração Hoesch AG.

²⁵ Diretor Geral do Conselho do Deutsche Bank.

²⁶ Diretor Geral da produtora de petróleo Wintershall AG.

²⁷ Banqueiro e financista.

²⁸ Sigla referente ao Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães.

²⁹ Conforme Tooze (2013, p. 39), Stresemann detinha uma visão dos Estados Unidos como fator de estabilização (semelhante ao que seria posteriormente o Plano Marshall) e as relações inter-imperialistas como gradações e oportunidades econômicas. Enquanto Hitler via os Estados Unidos como um risco para a economia e a sobrevivência racial germânica.

³⁰ Office of Strategic Services, órgão do estado que antecedeu a CIA.

classe trabalhadora, os camisas negras foram diretamente financiados por Giovanni Agnelli³¹. Além disso, com a conivência da polícia e tolerância do sistema judiciário, perseguiram as organizações dos trabalhadores³². A famigerada marcha sobre Roma fora uma construção mitológica e simbólica para causar medo nos adversários. Mussolini se desloca de trem, registra várias fotos e recebe o poder das mãos do rei Emanuel – tudo isso com o aval dos industriais do norte da Itália. O *Putsch* de Hitler tentou repetir a marcha de Mussolini, porém, diferentemente de seu colega, Hitler não havia compreendido que o fascismo nunca chegaria ao poder sem a permissão dos industriais e dos banqueiros. Por esta razão, acabou preso. Dez anos depois, apreendida a lição, Hitler discursa no clube dos industriais em Düsseldorf, promete o paraíso para os grandes industriais e recebe sua bênção. Krupp representava o capital industrial e Schacht representava o capital financeiro – havia um absoluto monopólio ditatorial da burguesia alemã sob o escopo do fascismo. Os programas racistas e o campo de concentração também reservavam um interesse político e financeiro. De um lado, liberar as lojas de departamentos (dominadas pelos judeus) e, de outro, *Dachau* servia como mão de obra escrava para a BMW. A SIEMENS³³ e a SEV³⁴, por sua vez, são responsáveis diretas pela criação e financiamento de milícias fascistas como o Grupo 3E³⁵ e os Batalhões de Segurança³⁶. Em suma, para Beinstein, a chegada do fascismo ocorreu pouco tempo depois que o ocidente conseguiu se tornar o senhor do mundo, ou seja, que a civilização burguesa se tornou verdadeiramente universal e foi deixando de lado os discursos democráticos, ganhando força as ideias “[...] do canibalismo inter-imperialista, do disciplinamento terrorista interno e do expansionismo desesperado” (Beinstein, 2018, p. 5) – sem mencionar o fantasma do comunismo. É inegável a influência e inspiração que os movimentos reacionários e racistas nos Estados Unidos desenvolveram e alimentaram na Alemanha nazista. Segundo Beinstein (2018), a *Ku Klux Klan* e os círculos da direita alemã estabeleceram relações de intercâmbio e colaborações com base na consigna do racismo contra os negros e os judeus. Lothrop Stoddard, escritor estadunidense, admirado por Hoover³⁷, Harding³⁸ e bem-quisto pela *Whithe Supremacy*³⁹, que cunhou o termo *under man*⁴⁰ para se referir aos bárbaros e selvagens, inimigos da civilização, será reconhecido como um dos autores inspiradores de ideólogos do nazismo como Alfred Rosenberg. Assim como Henry Ford, nazista declarado e autor do livro *The International Jude*, amplamente difundido entre dirigentes nazistas como Von Schirach⁴¹ e Himmler⁴². Este último chegou a comentar “[...] que o livro de Ford cumpriu um papel significativo na formação de Hitler” (Beinstein, 2018, p. 11). Estas foram al-

³¹ Fundador da Fiat, fábrica de automóveis.

³² Se faz prudente recordar que nem Hitler nem Mussolini ascenderam ao poder de forma violenta e que políticos democráticos e empresários abriram as portas para a suas entradas.

³³ Conglomerado industrial alemão, fabricante de dispositivos eletroeletrônicos e mecânicos.

³⁴ Maior rede empresarial grega, representando ampla gama de atividades econômicas do país, incluindo serviços e manufatura.

³⁵ Milícia fascista intitulada de Águia de duas cabeças, inicia-se como uma organização nacionalista que reivindica Istambul no Tratado Lausanne, gradualmente vai sendo financiada pelo capitalismo grego para assassinar grevistas e sindicalizados (grande marcha de maio de 1936 em Thessaloniki) (Fascism Inc, 2014).

³⁶ Ao final da guerra, com o fascismo quase derrotado, os colaboracionistas (burgueses gregos que colaboraram com os nazistas) precisavam se proteger dos *partizans* (milícias que se opunham à ocupação nazista, tropas de libertação nacional). Assim, Ioannis Voulpiotis (grande executivo da SIEMENS) cria e financia os Batalhões de Segurança (*Germanotsoliades*).

³⁷ Herbert Hoover, trigésimo primeiro presidente dos Estados Unidos da América.

³⁸ Warren G. Harding, vigésimo nono presidente dos Estados Unidos da América.

³⁹ Reação proto-fascista surgida a partir do século XIX contra a abolição da escravidão que estabeleceu uma profunda relação com sua homóloga alemã, supremacia ariana (Beinstein, 2018, p. 12).

⁴⁰ Conforme Beinstein (2018, p. 11) este conceito foi cunhado por Lothrop Stoddard em seu livro *The menace of the under man* (A ameaça do sub-homem).

⁴¹ Baldur von Schirach, oficial nazista.

⁴² Heinrich Himmler, um dos principais líderes do Partido Nazista.

gumas provas que atestam as origens umbilicais do fascismo com o imperialismo capitalista. Mas será que estas relações fazem parte de um passado longínquo?

Obviamente, não. Especialmente em épocas de crise. A crise financeira de 2008, por exemplo, aprofundou o rentismo, consequentemente, o parasitismo financeiro e a desigualdade. Certamente há uma adaptação histórica que indica uma razão de ser para a adesão do prefixo *neo* (novo). Alguns rearranjos, inclusive, contraditórios. Embora o neofascismo conserve em certa medida algumas reproduções nostálgicas do passado, como, por exemplo, é o caso do Batalhão Azov na Ucrânia, vinculado à imagem do colaboracionista nazista Stepan Bandera, o Batalhão *Aidar*, assim como o Regimento *Kraken* (Laterza, 2018), todos ucranianos, próximos à OTAN, presentes e ativos antes e depois do *Euromaidan*⁴³. No entanto, diferem do que houvera anteriormente. Em muitos casos, o discurso é renitente e soa como uma marcha confusa, “[...] com descendentes de suas anteriores vítimas, sob a bandeira comum do racismo anti-árabe, da islamofobia ou da russofobia. E por que não acrescentar anticomunismo?” (Beinstein, 2018, p. 2). O velho fascismo também cultivou inconsistências e, sobre este ponto, o neofascismo não lhe deve nada. A Polônia e a Letônia, por exemplo, misturam ultranacionalismo, antissemitismo e sionismo (Beinstein, 2018, p. 3), assim como outras formas de segregacionismo. Tudo isto respaldado pelo respeito formal por uma institucionalidade democrática aos moldes da União Europeia, uma política econômica neoliberal e à fobia anti-russa e submissão total à OTAN (Beinstein, 2018, p. 3). Outro ponto de tamanha miscelânea é o caso do acordo *Haavara*⁴⁴ que aproximou judeus e nazistas em plena eminência da segunda guerra e abriu espaço para que o sionismo apareça contemporaneamente como o maior regime neofascista presente, com um campo de concentração de quase cem anos, Gaza. O século em que vivemos apresenta um grande progresso eleitoral para neofascistas. Ou seja, vencem eleições e tomam o poder conforme as regras do jogo democrático parlamentar burguês, vários deles, inclusive, com fortes amizades sionistas, onde a nova islamofobia substitui a judeofobia ou com ela se mescla se os perseguidos não forem judeus sionistas ou judeus que contrariam a política sionista. Assim, no mesmo movimento, coexistem jovens e veteranos “[...] admiradores de Hitler, de Mussolini... de Benjamin Netanyahu” (Beinstein, 2018, p. 19).

Conforme Beinstein (2018), no “balaio de gatos do neofascismo”, podemos extrair algumas constatações de sua presença. O neofascismo não tenta engendrar um quebra-cabeça teórico para legitimar seu exercício político – ele é profundamente pragmático. Não rejeita a democracia burguesa, procura imiscuir-se com ela, “[...] assumindo-a demagogicamente para a colocar a serviço de suas bandeiras racistas e autoritárias” (Beinstein, 2018, p. 28). O governo da Letônia, por exemplo, adere e é aceito sob os postulados democráticos liberais da União Europeia e, ao mesmo tempo, realiza desfile anual em Riga dos veteranos membros da *Waffen SS* (Beinstein, 2018). A russofobia e a perseguição à população de língua russa, neste país, são bem vistas pela União Europeia. A obsoleta demagogia “social” de Mussolini é substituída pelas instituições democráticas. Desde o início do século XXI, todos os presidentes estadunidenses, seja da polaridade bipartidária que for, promoveram genocídio e devastação no Oriente Médio⁴⁵. Em vários destes governos, nos Estados Unidos e na Europa, há estranhas convergên-

⁴³ Golpe de Estado na Ucrânia, subsidiado, armado e municiado pela OTAN, que depôs ilegitimamente o presidente legitimamente eleito Victor Yanukovich.

⁴⁴ Acordo secreto firmado entre sionistas e nazistas em 1933 facilitando a emigração de judeus alemães para a Palestina (Black, 2021). Alguns anos após a emigração, inicia-se a Nakba (Pappé, 2016), em 1948, e a desapropriação, roubo e genocídio do povo palestino.

⁴⁵ George W. Bush invadiu o Iraque e o Afeganistão, Obama invadiu a Síria e a Líbia, além disso, manteve as invasões no Iraque e no Afeganistão. Trump deu continuidade especialmente à invasão do Iraque, porém, foi expulso do Afeganistão. Enquanto Biden manteve a invasão do Iraque, estimulou o *Euromaidan* na Ucrânia e promoveu um banho de sangue na Palestina ocupada. O

cias entre antissemitas ucranianos e sionistas judeus (Beinstein, 2018, p. 29). É justamente por esta razão, pela miscelânea, que o neofascismo não possui ideólogos de peso, pois não precisa deles. Este fato torna seus desígnios pragmáticos com um grau muito maior de degradação civilizacional do que outrora, pois não os justifica. Para Beinstein (2018), outra constatação do neofascismo é o imperialismo global financeiro. Se o fascismo fora a modernidade reacionária, inovação tecnológica combinada com a rejeição do legado da Revolução Francesa, seus aspectos democráticos e igualitários, ou seja, expressão autoritária da modernidade industrial, o neofascismo, por sua vez, é a economia parasitária na área central do capitalismo global que captura áreas periféricas manifestando uma imensa decadência sistêmica. A sua face financeira, mafiosa e improdutiva é a expressão da identidade neofascista exposta na “[...] urbanização degenerada em caos, onde a fragmentação social e a transnacionalização rompem as integrações nacionais e as articulações estatais” (Beinstein, 2018, p. 31). Talvez, a constatação mais evidente do neofascismo seja o seu caráter ocidental imperialista através da intervenção estadunidense, e de seus asseclas, de qualquer fronteira, descumprindo qualquer acordo internacional ou criando um para legitimar a sua ação. O neofascismo imperialista usa a democracia como fachada e acusa seus opositores de ditatoriais⁴⁶. Desde o Iraque em 2003, passando por Gaza, pelos discursos racistas e xenófobos no parlamento europeu, afetados pelo envelhecimento e a perda do dinamismo econômico, revoluções coloridas, pela classe média latino-americana e sua viuvez *condorita*⁴⁷, o neofascismo preenche o espaço vazio da indignação que o comunismo outrora transformava em esperança, mas que o neofascismo neoliberal transforma em niilismo⁴⁸. E não pode ele fazer de outro modo, pois ele é o resultado decadente da reprodução

segundo governo de Trump também deu continuidade ao genocídio na Palestina ocupada e apoio aos neonazistas ucranianos.

⁴⁶ Em entrevista ao canal Opera Mundi, o professor Ladislau Dowbor afirma que a aprovação, em 2010, nos Estados Unidos, que autoriza as corporações a financiar campanhas eleitorais, significa que, na prática, elas passam a comprar senadores e deputados, comprar eleições regionais, eleições de juízes, etc. Conforme Dowbor, isto entrega um poder gigantesco a dez ou quinze das maiores corporações do mundo. Isto não é mais mercado ou democracia, é oligarquia presente num sistema estruturado de poder que modifica todo o processo de gestão estadunidense. Enquanto na China, o sistema é completamente diferente. Segundo o professor Dowbor, a China tem um sistema equilibrado do processo decisório, a governança, a decisão do uso de seus recursos é tomada através de um equilíbrio operado pelo governo central, empresas privadas e o sistema de organizações comunitárias, locais e regionais. Nos Estados Unidos, o poder é centralizado na bolsa de valores, na China, é descentralizado entre conselhos comunais democráticos, empresas privadas e o governo central (Economista, 2024).

⁴⁷ Referência à Operação Condor realizada pela CIA na América do Sul no século passado.

⁴⁸ Neste ponto, em que o artigo se refere à América Latina, vale uma nota de esclarecimento sobre a razão pela qual não fora tratado o neofascismo brasileiro. Uma avaliação mais apressada da questão iria considerar o ex-presidente Jair Messias Bolsonaro como neofascista por sua ligação com o atual presidente estadunidense do partido Republicano, Donald Trump. Enquanto o atual presidente do Brasil, Luiz Inácio (Lula) da Silva seria considerado do campo “progressista” ou “democrata” vinculado ao partido Democrata estadunidense, tendo como representantes Joe Biden, Kamala Harris e/ou Barack Obama. Entretanto, são salientes as relações, apoio (inclusive bélico) e fomento do partido Democrata (e todos os nomes envolvidos) com o nazi-sionismo, já manifesto neste artigo, assim como o genocídio perpetrado em Gaza. Da mesma forma, são evidentes as relações do mesmo partido com o *Euromaidan* na Ucrânia e suas relações com grupos neonazistas do governo ilegítimo de Zelensky. Outro ponto controverso que vale destaque é o chamado “bloco democrático” proposto pelo atual presidente do Brasil. Em que medida seriam considerados “democráticos” governos como Pedro Sanchez na Espanha que, assim como a União Europeia, financiam o genocídio nazi-sionista em Gaza e os neonazistas ucranianos? Da mesma forma, se poderia questionar a aliança “democrática” do atual presidente do Brasil com o atual presidente da França que, além de também financiar o genocídio nazi-sionista em Gaza e os neonazistas ucranianos, não aceitou a derrota eleitoral em seu próprio país? Também poderia se questionar de que forma o partido Democrata estadunidense, que fora muito presente na operação lava-jato no Brasil e teve um impacto significativo no golpe de estado contra a presidente Dilma Rousseff, seria um representante legítimo de algo como uma defesa da “democracia”. Isto significaria afirmar que Bolsonaro não seria um neofascista brasileiro? Não. Significa dizer que Bolsonaro, ligado à ala *trumpista* estadunidense, representa a camada mais fraca do imperialismo, ou seja, dos pais, mentores e agenciadores do neofascismo. Significa dizer que o atual presidente brasileiro, Lula, é neofascista? Não. Os democratas estadunidenses são os falcões, a ala mais forte do imperialismo financista de vários neonazismos, enquanto republicanos *trumpistas* representam a ala mais fraca do imperialismo, mas que, por sua vez, também financia grupos neofascistas, porém, com operações mais fracas ou pautado em operações mais políticas do que bélicas, como o caso Bukele em El Salvador. Além disso, equivale a questionar um país que alega ser soberano, Brasil, com duas personalidades políticas que baseiam suas ações na política de outro país (Estados Unidos). Não significa dizer que detêm relações diplomáticas, mas que o curso de sua ação política é pautado pela política imperialista.

ampliada negativa da sociedade burguesa, que abandonou seus mitos progressistas para mergulhar na ditadura imperialista contrarrevolucionária. O sentido desta análise não é constatar a catástrofe fatalista que está diante de nós, mas o de lembrar a tarefa daqueles que se erguem contra a barbárie. Melhor do que palavras, talvez, seja a poesia daquele que fora esquecido pela esquerda e repudiado pela direita – um maldito:

O fascismo é um terceiro poder novo ao lado do capitalismo e do socialismo. [...] Esta é, obviamente, uma reivindicação fascista; aderir a isso é uma capitulação ao fascismo. [...] o fascismo apenas pode ser combatido como capitalismo, como a forma de capitalismo mais nua, mais sem vergonha, mais opressiva e traiçoeira. [...] Aqueles que são contra o fascismo sem ser contra o capitalismo [...] são como pessoas que desejam comer carne de vitela sem matar o bezerro (Brecht, 1964, s/p.).

Referências

- BEINSTEIN, J. Neofascismo e decadência: o planeta burguês à deriva. In: *Arquivo Marxista na Internet*, 21 de maio de 2018. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/beinstein/2018/05/21.htm>. Acesso em: 13.ago.2025.
- BLACK, E. *Haavara*: o acordo de transferência. Bauru: Editora Idea, 2021.
- BRECHT, B. *O fascismo é a verdadeira face do capitalismo*. Textos escolhidos de Twice a Year, 1938-48. Syracuse: Syracuse University Press, 1964.
- BRIGADA MARIGHELLA. *Fascism Inc.*, 9 de maio de 2014. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=K80XYjF3IHE>. Acesso em: 13.ago.2025.
- BUKHARIN, N. I. *A economia mundial e o imperialismo*. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1984.
- CANAL NILDO VIANA. Imperialismo e guerra mundial: 1914-1918. [S./l.: s.n.], 22 de set. de 2020. Disponível em https://youtu.be/SV9ee2JTUC8?si=oxdSF7_F91N_mOeC. Acesso em: 13.ago.2025.
- CHURCHILL, W. *Evening Standard* 3., 15 Sep 1937 - 23 Dec 1937. Disponível em: https://archivesearch.lib.cam.ac.uk/repositories/9/archival_objects/1359012 ou <https://scottmannings.com/content/friendship-with-germany-by-winston-churchill-sep-17-1937/>. Acesso em: 13.ago.2025.
- COGGIOLA, O. *Depressão econômica, imperialismo capitalista e guerra mundial (1870-1918)*. Santiago de Chile: Ariadna Ediciones, 2015.
- DOWBOR, L. *Programa 20 minutos*. [Entrevista cedida a] Haroldo Ceravolo Sereza. [S. l.: s. n.], 04 out. 2024. 1 vídeo (1 h 06 min 19 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/live/7wmfX8r2-g?si=l5yzQAuXm8a1cYg3>. Acesso em: 13.ago.2025.

Ou seja, torna-se evidente que aquilo que caracteriza o problema não diz respeito à forma política (democracia versus fascismo), mas à decadência do imperialismo. Em todo caso, esta temática não foi tratada neste artigo porque o tema em si, dada a sua complexidade, já valeria um outro artigo. Assim, para que não se perca o foco da temática desenvolvida, optou-se por tratar este tema em uma nota explicativa e não no corpo do artigo. Mas, futuramente, talvez seja um bom tema a ser trabalhado.

FERGUSON, T.; VOTH, H. J. Betting on Hitler-The value of political connections in nazi germany. *The Quarterly Journal of Economics*, 2008, v. 123, n. 1, p. 101-137.

HOBSON, J. *Estudio del imperialismo*. Madrid: Alianza Editorial, 1968.

LATERZA, R. Q. Ucrânia: como agem e sobrevivem os neonazistas. *Outras Palavras*, 8 de maio de 2024. Disponível em: <https://outraspalavras.net/geopoliticaeguerra/ucrania-como-agem-e-sobrevivem-as-milicias-nazistas/>. Acesso em: 13.ago.2025.

LÊNIN, V. A guerra Europeia e o socialismo internacional. In: *Arquivo Marxista na Internet*, 28 de setembro de 1914. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1914/09/guerra.htm>. Acesso em: 13.ago.2025.

LÊNIN, V. *Imperialismo, fase superior do capitalismo*. São Paulo: Boitempo, 2021.

LÊNIN, V. O oportunismo e a falência da II Internacional. In: *Arquivo Marxista na Internet*, janeiro de 1916. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1916/01/falencia.htm>. Acesso em: 09.dez.2024.

LUXEMBURGO, R. *A acumulação do capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

ORWELL, G. *O que é fascismo? E outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

PAPPÉ, I. *A limpeza étnica da Palestina*. São Paulo: Editora Sundermann, 2016.

PITILLO, J. C. P. *O exército vermelho na mira de Vargas*. Rio de Janeiro: Edições Guerra Patriótica, 2022.

TALHEIMER, A. *Sobre o fascismo*. Salvador: Centro de Estudos Victor Meyer, 2009.

TOOZE, A. *O preço da destruição: construção e ruína da economia alemã*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.

TROTSKY, L. *A luta contra o fascismo: revolução e contrarrevolução*. São Paulo: Sundermann, 2019.

TROTSKY, L. *Fascismo, o que é e como combatê-lo*. Nova York: Pioneer Publishers, 1964.

Sobre o autor

Tiago Nilo

Doutorando em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professor de filosofia na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Recebido em: 25/06/2025

Received in: 06/25/2025

Aprovado em: 15/08/2025

Approved in: 08/15/2025